



Ásia e Oceania
Perspectivas para 2013

Análise Apex-Brasil
CONJUNTURA & ESTRATÉGIA

Janeiro - 2013

ApexBrasil

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO
DE EXPORTAÇÕES E INVESTIMENTOS



Resumo Executivo

- ➔ Verifica-se nas economias asiáticas uma moderação no ritmo de crescimento em 2011 e 2012 que se deve, principalmente, aos efeitos negativos da instabilidade na zona do euro, à recuperação lenta das economias avançadas e à necessidade de retirar os estímulos fiscais e monetários utilizados em 2008 e em 2009, cujos efeitos altistas sobre os preços dos ativos financeiros e dos bens e serviços passaram a preocupar as autoridades econômicas.
- ➔ As economias em desenvolvimento da região, sob a liderança de China e Índia, crescerão 6,7%, em 2012, e 7,3%, em 2013, o que implica um avanço superior à média mundial entre 3 e 4 pontos percentuais.
- ➔ As economias industrializadas, maduras e emergentes, também experimentarão uma reacomodação de seu desempenho, com tendência de convergência com os padrões médios globais.
- ➔ Com menor crescimento, o quadro inflacionário passou a ser mais favorável. Os fundamentos macroeconômicos são suficientemente sólidos para garantir, se necessário, a retomada de políticas mais ativas de estímulo ao crescimento no futuro próximo.
- ➔ Há riscos importantes no horizonte, especialmente os associados à eventual agravamento do quadro de instabilidade financeira nas economias maduras, particularmente na zona do euro. Problemas estruturais, como a readequação no padrão de crescimento chinês, a consolidação fiscal no Japão, a falta de competitividade da economia indiana, e as pressões demográficas com seus impactos sobre as contas públicas em médio prazo, também precisam ser considerados. Países importantes da região

experimentaram processos de transição política, destacando-se o caso da China.

- ➔ Da mesma forma, a recuperação pós-2008 se fundamentou em maciço apoio governamental. Estímulos fiscais e expansão do crédito contribuíram para a manutenção de um ambiente econômico de maior normalidade. Todavia, e em função desses mesmos incentivos, os sistemas financeiros domésticos e as finanças públicas foram expostos a uma situação de maior vulnerabilidade potencial. Mesmo que, em geral, os fundamentos macroeconômicos sejam relativamente sólidos, há que se verificar os efeitos de um possível agravamento do cenário internacional sobre as finanças – privadas e públicas – domésticas.
- ➔ As economias asiáticas são, em geral, muito abertas e dependentes das exportações de manufaturas. A instabilidade dos fluxos financeiros tende a afetar suas taxas de câmbio e outros preços financeiros importantes, o que pode deteriorar expectativas e comprometer os investimentos e, conseqüentemente, a manutenção de níveis elevados de expansão da demanda doméstica. Da mesma forma, a reacomodação das exportações em um cenário de menor crescimento da economia mundial tende a espalhar efeitos contracionistas na região.
- ➔ As grandes economias em desenvolvimento, como China e Índia, têm procurado introduzir reformas estruturais que sustentem níveis elevados de expansão da renda e emprego. No caso da China, a ênfase é para a reorientação do crescimento para o mercado interno, com o incentivo do consumo privado. Ao mesmo tempo, com a perda de dinamismo das exportações, buscar-se-á manter volumes expressivos de investimentos,

por meio do estímulo estatal. A Índia busca enfrentar a desconfiança dos investidores por meio da consolidação fiscal e da desregulamentação de várias atividades econômicas.

- ➔ A economia do Japão sofreu fortemente com as consequências do terremoto e da tsunami de 2011. Os esforços de reconstrução permitiram uma aceleração do crescimento em 2012. Para 2013, espera-se o retorno a níveis mais baixos de expansão. Austrália e Nova Zelândia têm logrado crescer mais do que as economias maduras da Europa e da América do Norte. Os investimentos associados aos complexos produtores e exportadores de recursos naturais contribuem, de forma importante, para esse bom desempenho.
- ➔ As maiores economias da Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean) têm sentido os efeitos negativos da recuperação lenta das economias avançadas do Ocidente. Todavia, a demanda doméstica, estimulada pelos investimentos governamentais e o consumo privado, tem garantido a sustentação de taxas de crescimento superiores à média mundial.

Introdução

Este Boletim aborda o desempenho recente e as perspectivas das economias da Ásia e Oceania. Sempre que possível e com base nas projeções correntes, busca-se sinalizar para o comportamento esperado de médio prazo das principais economias da região.

A análise da Unidade de Inteligência Comercial e Competitiva da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil) se baseia nos estudos das principais instituições de pesquisa econômica, especialistas no acompanhamento da economia internacional e das economias asiáticas, especialmente o Fundo Monetário Internacional (IMF, 2012a, 2012b), o Banco Asiático de Desenvolvimento (ADB, 2012a, 2012b), a Economist Intelligence Unit (EIU, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d), o Banco de Compensações Internacionais (BIS, 2012), o Banco Mundial (2012) e a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad, 2012).

Foram utilizadas as informações estatísticas disponíveis até 26 de outubro de 2012. Salvo indicações em contrário, os agregados regionais aqui utilizados seguem a sugestão do FMI (IMF, 2012a), especialmente da respectiva base de dados disponibilizada em seu *site*. Como em todos os exercícios de elaboração de cenários, o presente estudo assume a manutenção de certas condições das economias em análise. Alterações nessas, marginais ou substantivas, impõem a necessidade de revisão das perspectivas aqui sugeridas.

O trabalho está estruturado da seguinte forma: parte-se de uma visão geral sobre os desdobramentos na região do ambiente de crescente instabilidade provocada pela crise financeira global. Verifica-se o desempenho no imediato pós-crise e nos anos subsequentes. Na sequência, são abordados o comportamento das economias da Ásia e Oceania em 2012 e a perspectiva para 2013, tanto em um plano geral (seção 3), quanto no destaque de suas principais economias (seção 4).

2. Antes e Depois da Crise Financeira Global¹

Ao longo das últimas três décadas, as economias asiáticas têm se notabilizado pela capacidade de sustentar níveis elevados de crescimento da renda, com a manutenção de ambientes macroeconômicos relativamente estáveis. O rápido progresso material permitiu a redução da pobreza e melhorias em várias áreas sociais. O dinamismo de suas economias se expressa, entre outras coisas, na respectiva participação dos países asiáticos nos agregados globais de renda, na produção industrial e nas exportações, que têm crescido, de forma sistemática, acima da média mundial (ver Gráfico A1, em anexo). Assim, em 2010 ou 2011, os países do sul, leste e sudeste da Ásia, tanto os desenvolvidos quanto os em desenvolvimento, respondiam por 56% da população, 35% do PIB medido em paridade poder de compra, 41% dos investimentos, 25% do consumo privado, e 30% do comércio mundial de bens e serviços.

A crise financeira global, originada no mercado *subprime* estadunidense, ainda em 2007, aprofundou-se no final de 2008 e ao longo de 2009, quando a economia mundial experimentou sua primeira contração no pós-Segunda Guerra Mundial. Rapidamente todas as categorias de ativos financeiros foram atingidas, tanto nos Estados Unidos quanto no resto do mundo, no que se convencionou denominar de “desalavancagem complexa”. O comprometimento dos canais de crédito e comércio exterior produziu um quadro de espraiamento da crise, que também atingiu severamente o lado real de diversas economias.

É bem verdade que, já nesse momento, e com seus desdobramentos nos anos seguintes, as economias maduras e emergentes têm reagido de formas distintas ao novo ambiente, também caracterizado como sendo a “grande recessão”. Os maciços pacotes de apoio aos setores financeiros e reais evitaram o pior e, no caso dos países emergentes, garantiram o amortecimento e/ou a rápida reversão das trajetórias recessivas. Os anos de 2010 e 2011 foram de recuperação na periferia, mas de novas rodadas de instabilidade no centro, especialmente na Europa, onde a crise financeira, de origem privada, metamorfoseou-se em crises soberanas. O ano de 2012 tem se revelado como sendo de recuperação lenta e mesmo

¹ Detalhes em Unctad (2012), World Bank (2012), BIS (2012) e IMF (2012a).

de agravamento do quadro financeiro e real para as economias desenvolvidas, e de moderação no crescimento em quase todo o mundo em desenvolvimento.

No caso específico das economias asiáticas, as primeiras ondas de instabilidade em 2008 e 2009 geraram impactos diferenciados. Os países mais extrovertidos e cujas estruturas produtivas e canais de comercialização eram mais vinculados aos mercados ocidentais experimentaram fortes contrações em seus produtos. Esses foram os casos de Cingapura, Malásia, Vietnã, Tailândia e Taiwan (Gráfico A2, em anexo). Economias mais introvertidas, como Índia e Indonésia, ou que implementaram políticas contracíclicas robustas, como China e, em menor extensão, Coreia do Sul, sofreram menos e/ou se recuperaram de forma mais rápida. Em geral, as exportações desabaram com a crise nesse primeiro momento, colocando em xeque o modelo orientado ao setor externo.

3. Desempenho Recente e Perspectivas para 2013: Ásia e Oceania

A característica fundamental da maioria das economias asiáticas é a elevada extroversão (Gráfico A2, em anexo), caracterizando maior dependência das exportações de bens e serviços, especialmente de manufaturas. Esta que sempre foi apontada como uma virtude tornou-se um problema no momento em que as maiores economias do Ocidente enfrentam suas piores recessões em mais de seis décadas, e que os canais de crédito se estreitaram tanto que prejudicaram até o financiamento do comércio exterior.

Com a queda pronunciada nas exportações, muitas empresas da região reagiram, inicialmente, por meio do corte de investimentos, particularmente em Cingapura, Hong Kong, Taiwan e Coreia do Sul. Por isso, os respectivos produtos desses quatro países apresentaram queda de dois dígitos no último trimestre de 2008, quando se toma o dado de trimestre contra o trimestre imediatamente anterior.

Das economias em desenvolvimento, a Tailândia apresentou o pior desempenho no imediato pós-crise. Seu PIB caiu 22% no último trimestre de 2008, em função da contração nas exportações e dos problemas políticos internos. Em 2009, a variação negativa do produto foi de

2,3% (Tabela 1). A Indonésia sentiu a crise de forma menos intensa, com seu PIB crescendo 4,6%, ao passo que a Malásia, com sua forte dependência dos mercados internacionais, também apresentou contração de 1,5% no seu produto em 2009 (Tabela 1).

Tabela 1 - Crescimento do PIB das economias selecionadas, 1980-2015* (%)

	1980-2000	2001-2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Ásia em Desenvolvimento**	7,0	8,6	7,9	7,0	9,5	7,8	6,7	7,2	7,5	7,6
China	9,8	10,8	9,6	9,2	10,4	9,2	7,8	8,2	8,5	8,5
Índia	5,5	7,3	6,9	5,9	10,1	6,8	4,9	6,0	6,4	6,7
ASEAN-5	5,2	5,3	4,8	1,7	7,0	4,5	5,4	5,8	5,7	5,8
Filipinas	2,5	5,0	4,2	1,1	7,6	3,9	4,8	4,8	5,0	5,0
Indonésia	5,1	5,1	6,0	4,6	6,2	6,5	6,0	6,3	6,5	6,6
Malásia	6,7	5,0	4,8	-1,5	7,2	5,1	4,4	4,7	5,0	5,0
Tailândia	6,2	5,1	2,6	-2,3	7,8	0,1	5,6	6,0	4,5	4,6
Vietnã	6,2	7,7	6,3	5,3	6,8	5,9	5,1	5,9	6,4	6,8
NICs Asiáticos	7,2	4,7	1,8	-0,7	8,5	4,0	2,1	3,6	4,1	4,2
Coreia do Sul	7,7	4,7	2,3	0,3	6,3	3,6	2,7	3,6	4,0	4,0
Hong Kong	5,6	4,9	2,3	-2,6	7,1	5,0	1,8	3,5	4,3	4,3
Cingapura	7,6	6,0	1,7	-1,0	14,8	4,9	2,1	2,9	3,6	3,7
Taiwan	7,0	4,2	0,7	-1,8	10,7	4,0	1,3	3,9	4,5	4,7
Memória- países avançados da Ásia										
Austrália	3,3	3,5	2,5	1,4	2,5	2,1	3,3	3,0	3,2	3,3
Japão	2,9	1,4	-1,0	-5,5	4,5	-0,8	2,2	1,2	1,1	1,2
Nova Zelândia	2,3	3,4	-0,2	-2,4	1,8	1,3	2,2	3,1	2,7	2,6
Mundo	3,2	4,1	2,8	-0,6	5,1	3,8	3,3	3,6	4,1	4,4

Fonte: IMF - World Economic Outlook Database (<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/02/weodata/index.aspx>). Acesso em 23/10/2012. (*) Estimativas e projeções para os anos de 2012 até 2015; médias nos subperíodos 1980-2000 e 2001-2007. (**) Referem-se a 27 países da região. Ver: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/02/weodata/groups.htm>.

Os gastos públicos e investimentos originados dos pacotes de estímulo fiscal, particularmente na China, contribuíram, de forma decisiva, para que, já no segundo semestre de 2009, a região apresentasse sinais claros de retomada. Em decorrência, a situação fiscal corrente dos governos locais se deteriorou, ainda que, na média, a situação da região seja confortável. As políticas monetárias foram beneficiadas pelo recuo da inflação, o que permitiu que os Bancos Centrais de China, Malásia, Filipinas, Indonésia e Tailândia afrouxassem os requerimentos de reservas obrigatórias dos bancos comerciais e/ou reduzissem mais agressivamente as taxas básicas de juros.

Após os impactos iniciais da crise e da adoção de medidas de recuperação, o comportamento das economias asiáticas entre 2010 e 2012 passou a oscilar em função: (i) da necessidade de fazer a sintonia fina da gestão macroeconômica, em alguns casos com o intuito de abortar processos de pressão inflacionárias e/ou de forte elevação dos preços dos ativos financeiros; e (ii) de responder aos desafios impostos por um quadro de recuperação lenta das economias maduras e de crescente instabilidade na zona do euro.

Após o crescimento mais forte em 2010, os anos 2011 e, especialmente, 2012, têm-se caracterizado pela moderação no ritmo de expansão. De acordo com estimativas do FMI,² a Ásia cresceu 5,5% ao ano, no primeiro trimestre do corrente ano. Tal moderação se deveu à interação de fatores adversos externos e domésticos. No *front* externo, é possível destacar os efeitos sobre o comércio internacional da crise na Zona do Euro, bem como a recuperação lenta nas demais economias maduras, particularmente os Estados Unidos. No plano doméstico, grandes economias da região, como China e Índia, tiveram de lidar com a necessidade de, no primeiro caso, reduzir o ritmo da expansão originada nos estímulos de 2008 e 2009, dados seus impactos desestabilizadores sobre os preços de bens, serviços e ativos financeiros, e, no segundo, tentar minimizar os impactos sobre os investimentos domésticos da deterioração no estado de confiança do setor privado. A economia japonesa perdeu ímpeto pela queda no consumo privado, ao passo que, tanto a Austrália, quanto a maioria das economias da Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean) lograram manter níveis de crescimento mais próximos dos respectivos produtos potenciais.

A Tabela 2 fornece as estimativas recentes e projeções sobre outras variáveis-síntese do comportamento econômico, quais sejam: inflação, resultado em conta corrente e taxa de desemprego. A principal constatação é de que, com exceção das economias maduras, com níveis mais elevados de renda, como Japão, Austrália e Nova Zelândia, as demais economias, emergentes e em desenvolvimento, em suas diversas agregações, estão crescendo acima da média mundial. Tal diferença pode chegar a algo entre 2 e 4 pontos percentuais acima do projetado para a economia mundial, no caso dos países em desenvolvimento, inclusive as

² IMF (2012b, p. 1).

maiores economias da Asean, e ao alinhamento com a média global, no caso dos NICs³ Asiáticos.

No contexto da moderação no ritmo de expansão das economias nacionais e global, com implicações sobre o comportamento dos preços das *commodities*, o quadro inflacionário tem se mostrado favorável, o que também permite a manutenção das políticas monetárias e fiscais de estímulo. Atualmente, as taxas de juros reais – de empréstimos e *policyrate* – estão, em média, 150 pontos-base abaixo dos níveis observados antes do recrudescimento da crise de 2008.⁴

Tabela 2 – Indicadores Seleccionados nas Economias Asiáticas, 2011-2013* (%)

	Inflação (% , média do período)			Conta Corrente (% do PIB)			Desemprego (%)		
	2011	2012	2013	2011	2012	2013	2011	2012	2013
Ásia em Desenvolvimento	6,5	5,0	4,9	1,6	0,9	1,1	nd	nd	nd
China	5,4	3,0	3,0	2,8	2,3	2,5	4,1	4,1	4,1
Índia	8,9	10,2	9,6	-3,4	-3,8	-3,3	nd	nd	nd
ASEAN-5	5,9	4,0	4,3	2,9	0,6	0,2	nd	nd	nd
Filipinas	4,7	3,5	4,5	3,1	3,0	2,6	7,0	7,0	7,0
Indonésia	5,4	4,4	5,1	0,2	-2,1	-2,4	6,6	6,2	6,1
Malásia	3,2	2,0	2,4	11,0	7,5	6,9	3,1	3,1	3,0
Tailândia	3,8	3,2	3,3	3,4	-0,2	0,1	0,7	0,7	0,7
Vietnã	18,7	8,1	6,2	0,2	0,3	-0,9	4,5	4,5	4,5
NICs Asiáticos	3,6	2,7	2,7	6,6	5,6	5,5	3,6	3,5	3,5
Coreia do Sul	4,0	2,2	2,7	2,4	1,9	1,7	3,4	3,3	3,3
Hong Kong	5,3	3,8	3,0	5,3	4,1	3,8	3,4	3,4	3,3
Cingapura	5,2	4,5	4,3	21,9	21,0	20,7	2,0	2,1	2,1
Taiwan	1,4	2,5	2,0	8,9	6,9	7,3	4,4	4,5	4,3
Memória - Países Avançados da Ásia									
Austrália	3,4	2,0	2,6	-2,3	-4,1	-5,5	5,1	5,2	5,3
Japão	-0,3	0,0	-0,2	2,0	1,6	2,3	4,6	4,5	4,4
Nova Zelândia	4,0	1,9	2,4	-4,2	-5,4	-5,9	6,5	6,6	5,7

Fonte: IMF - World Economic Outlook Database (<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/02/weodata/index.aspx>). Acesso em 23/10/2012. Ver, também, Tabela 2.3 do World Economic Outlook, October, 2012. (*) projeções para 2012 e 2013.

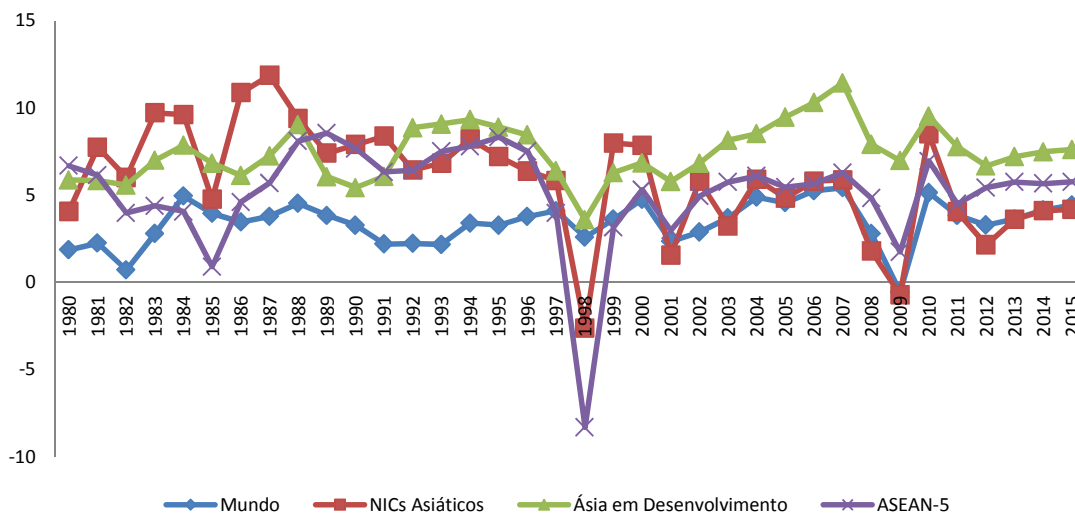
³ Newly Industrializes Countries (NICs).

⁴ IMF (2012, p. 2).

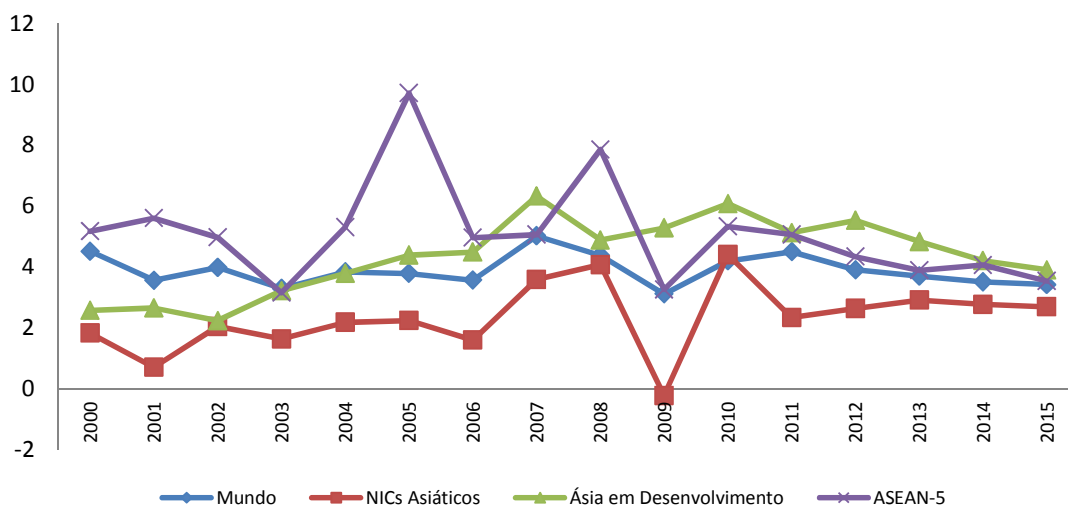
O Gráfico 1 (painéis A e B) reforça tais percepções, quais sejam: o crescimento do PIB acima da média mundial, especialmente nas economias em desenvolvimento, puxadas por China e Índia, e a tendência de manutenção da inflação em uma trajetória de queda, alinhada à média internacional. Por outro lado, há, no desempenho pós-2008 e nas projeções do FMI para o período 2013-2015, a cristalização de um cenário de menor crescimento com respeito àquele verificado no período de vigorosa expansão entre 2002 e 2007.

Gráfico 1 – Crescimento do Produto e Inflação em Economias Seleccionadas, 1980-2015*

A. PIB, 1980-2015*



B. Inflação, 2000-2015*



Fonte: IMF - World Economic Outlook Database (<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/02/weodata/index.aspx>). Acesso em 23/10/2012. (*) Estimativas e projeções para os anos de 2012 até 2015 são da fonte. Sobre os países que compõem os agregados, ver: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/02/weodata/groups.htm>.

4. Destaques Regionais e Principais Economias

4.1 China

Conforme se observa no Gráfico A2 (em anexo), a China é a maior economia da Ásia. Entre 1980 e 2000, o país experimentou um amplo processo de modernização de sua estrutura econômica e padrão de relações internacionais. Embalado pelo forte crescimento da indústria e

de investimentos, exportações e urbanização, seu produto real experimentou uma variação anual na ordem de 9,8%, em média (Tabela 1). Após sua entrada na OMC, em 2001, verificou-se uma intensificação desse processo. Entre 2001 e 2007, seu PIB cresceu 10,8% ao ano. A crise financeira global ensejou forte queda na demanda externa, particularmente em 2009, que foi compensada pelos maciços estímulos fiscais e creditícios. Com isso, o país logrou manter taxas de expansão acima de 9% ao ano, entre 2009 e 2011.

Todavia, a busca por reequilibrar sua economia, cujas pressões inflacionárias e elevação nos preços dos ativos financeiros, tanto em renda variável, quanto no mercado imobiliário, levou à adoção de medidas de contenção, cujos efeitos se fizeram sentir com mais intensidade em 2012. Concomitantemente, o recrudescimento da instabilidade financeira, nos marcos da crise na Zona do Euro, consolidou um quadro de menor crescimento da economia mundial. Com isso, espera-se, como cenário básico, que a economia chinesa cresça um pouco menos de 8% a partir de 2012 (Tabela 1, IMF 2012a, 2012b, EIU, 2012a).

A inflação tem estado em patamares moderados, com repiques eventuais derivados da elevação dos preços de alimentos e matérias-primas. A taxa de desemprego é baixa, na casa dos 4%, e os resultados fiscais apresentam déficits administráveis, em torno de 1,9% do PIB, no horizonte 2013-2017. A conta corrente está em processo de ajuste. Após os superávits na casa dos 10% do PIB, antes da crise financeira, a economia chinesa apresenta níveis positivos pouco acima de 2% do PIB. Em um ambiente de maior crescimento da demanda interna, em comparação com a externa, projeta-se a possibilidade de um déficit em conta corrente na ordem de 0,7% do PIB em 2017 (EIU, 2012a).

Assim, durante a primeira década do século XXI, a China consolidou sua posição como segunda principal economia do mundo em termos de seu produto, comércio internacional e propriedade de ativos financeiros no exterior.⁵ Seu mais recente plano quinquenal, o 12º Plano

⁵ Em 2011, a China era o país mais populoso do planeta, com um quinto da população mundial, e a segunda maior economia, com 10% da renda e do comércio, ambos medidos em dólares correntes. Em paridade poder de compra, a economia chinesa respondia por 14,3% da economia mundial. A China se consolidou como “fábrica do mundo”, gerando 18,7% do valor adicionado na indústria. A modernização chinesa contou com a forte participação do capital estrangeiro, de modo que o estoque de Investimento Estrangeiro Direto (IED) responde por 3% do total

Quinquenal de Desenvolvimento Econômico e Social,⁶ que cobre o período 2011-2015, evidencia a preocupação dos estrategistas e lideranças chinesas em renovar seu modelo de desenvolvimento. Maior ênfase no mercado interno e, portanto, a necessária redistribuição da renda e a redução da propensão a poupar das famílias, por meio de aumentos nos investimentos públicos na rede de proteção social e na sustentabilidade ambiental e energética, são vetores essenciais do futuro em gestação. Ademais, para além de “fábrica do mundo”, a China ambiciona ser fonte de inovações tecnológicas e geração de novos padrões de produção em consumo. Nos dois casos, a internacionalização de sua economia parece ser imprescindível.

Todavia, assim como nos planos anteriores, há uma potencial contradição entre o ritmo desejado de mudanças e a necessidade de geração de empregos e de expansão da renda. Esses últimos funcionam como estabilizadores sociais e legitimadores do *status quo* político. Assim, mesmo que a China migre para uma trajetória menos desequilibrada de desenvolvimento, não parece ser crível que isso se dê de forma linear em um futuro próximo. O ano de 2013 caracterizará a transição decenal das lideranças nacionais, com impactos sobre a governança nos governos locais e nas estruturas governamentais.

4.2 Índia

global. Com 30% das reservas internacionais e 11,5% do valor transacionado em mercados acionários, a China vem se consolidando como importante *player* financeiro. Para mais detalhes, ver Timmer *et al.* (2012), Morrison e Labote (2011), IMF (2012a), ADB (2012a, 2012b), EIU (2012a).

⁶ Ver Casey e Koleski (2011) e EIU (2012a).

A economia indiana consolidou-se como a segunda maior da região, quando medida em termos de paridade poder de compra (Gráfico A2, em anexo). Depois de crescer, em média, 5.5% ao ano, entre 1980 e 2000, seu dinamismo foi reafirmado na primeira década do século XXI. Antes da crise, de 2001 a 2007, o PIB avançou, em média, 7,3% ao ano. Depois dela, seu desempenho segue favorável, ainda que menos intenso depois de 2011 (Tabela 1).

O ano de 2012⁷ começou com a manutenção da trajetória de desaceleração iniciada em 2011. No primeiro trimestre, a taxa de crescimento anualizada ficou em 3,9%. Ademais, o cenário, em curto prazo, sinaliza para a manutenção de um ambiente de moderação no crescimento, devido: (i) aos problemas estruturais com o abastecimento de energia, acentuados em julho de 2012; (ii) aos impactos climáticos adversos sobre a produção agrícola; (iii) ao menor crescimento do consumo privado; e (iv) à deterioração do estado de confiança dos empresários, com impactos negativos sobre os investimentos. Com respeito a esse último aspecto, há que se considerar a confluência de fatores domésticos e externos. No *front* interno, a inflação indiana segue acima da média mundial, oscilando entre 9% e 10% ao ano, o que reduz a possibilidade do Banco Central (Reserva Federal da Índia) promover reduções mais agressivas das taxas de juros. Os déficits fiscais seguem elevados, a despeito dos esforços anunciados de consolidação fiscal. O orçamento corrente prevê um déficit de 5,1% do PIB. Todavia, ele dificilmente ficará abaixo de 6% do PIB.⁸ No *front* externo, a instabilidade financeira na Europa tem reduzido o ímpeto dos investidores, mesmo que a economia indiana seja relativamente menos aberta, do ponto de vista comercial e financeiro, que a média regional.

Em médio prazo, há razões para acreditar que a Índia seguirá crescendo acima da média mundial. O país tem fundamentos econômicos sólidos no que se refere aos níveis de poupança e investimento, expansão da força de trabalho e constituição de uma classe média mais robusta. Por conta disso, as projeções correntes sugerem um ritmo de expansão da renda que

⁷ As estatísticas da Índia sempre se referem ao ano fiscal, que vai de abril do ano em análise a março do ano seguinte.

⁸ EIU (2012d, p. 4).

oscila de um piso de 6% a um teto de 8% ao ano⁹ para o período 2013-2017. Nesse mesmo período, a inflação seguirá acima da média mundial e regional, entre 7% e 9% ao ano. Os preços ao consumidor são compostos, em sua metade, por itens básicos, de alimentação e energia, de modo que o comportamento da inflação está diretamente associado à dinâmica instável dos preços das *commodities*. O desemprego também se situa acima do observado na região, na casa dos 9%.

No setor externo destaca-se, positivamente, o desempenho das exportações de serviços. Em 2012, o saldo do comércio de serviços deverá ser positivo em US\$ 67 bilhões. Com um ritmo de expansão esperado das exportações de serviços da ordem de 13% ao ano, entre 2013-2017, esse saldo deverá chegar a cerca de US\$ 94 bilhões em 2017.¹⁰ Por outro lado, as importações totais de bens e serviços seguirão maiores em valor do que as exportações de bens e serviços. Os déficits em conta corrente tendem a se moderar, dos níveis atuais, próximos a 4% do PIB, para pouco mais de 2% do PIB em 2017.

4.3 Japão, Austrália e Nova Zelândia

Espera-se um crescimento moderado do Japão em 2012 e 2013. Os estímulos governamentais para atenuar os danos causados pelo terremoto e tsunami de março de 2011 fizeram com que os déficits fiscais atingissem 9,5% do PIB naquele ano, com redução marginal esperada para 9,2% em 2012. O esforço fiscal para a reconstrução tem contribuído para a aceleração no ritmo de expansão da economia em 2012, que deverá crescer entre 2% e 2,2%, de acordo com as estimativas mais recentes.¹¹ Para 2013, espera-se nova moderação, com o esgotamento desses estímulos e um menor dinamismo das exportações, dado o ambiente externo de crescimento ainda abaixo da tendência pré-crise financeira global. Com isso, o PIB deverá crescer em pouco mais de 1% em 2013.

⁹ IMF (2012a, 2012b), ADB (2012a, 2012b) e EIU (2012d).

¹⁰ EIU (2012d, p. 7).

¹¹ Ver: IMF (2012a, 2012b) e EIU (2012b).

O esforço de consolidação fiscal, com o intuito de estabilizar a trajetória da dívida pública, hoje em patamares acima de 200% do PIB, implicou aprovação de aumentos de impostos sobre o consumo ao longo dos próximos anos – de 5% (nível atual) para 10% (em 2015). Espera-se que o déficit público recue para 7% ao ano em 2016 e 2017. No *front* monetário, o Banco Central do Japão segue enfrentando os riscos de deflação. As taxas básicas estão entre 0% e 0,25% e tem-se lançado mão da estratégia de *quantitative easing* (afrouxamento quantitativo ou programa de compra de ativos) para manter a liquidez doméstica e evitar a deflação.

O desempenho da economia japonesa no médio prazo dependerá da combinação de efeitos contracionistas associados ao envelhecimento da população, ao quadro de deterioração fiscal e de pressões deflacionistas, à lenta recuperação de seus principais parceiros comerciais no Ocidente e ao menor dinamismo do consumo doméstico, dada a elevação de impostos e o incremento modesto nos salários. Para o período 2013-2017, espera-se uma variação anual média do PIB na ordem de 1,1% ao ano.¹²

Nova Zelândia e Austrália vêm se beneficiando da recuperação nos mercados de *commodities*, especialmente depois de 2010. Os investimentos para a expansão da produção de minérios na Austrália têm contribuído, de forma importante, para sustentar níveis de crescimento na casa de 3% ao ano. Suas taxas de desemprego se situam bem abaixo das verificadas na Europa e América do Norte, e não há riscos inflacionários excessivos. Todavia, o bom ritmo de crescimento está associado à deterioração dos resultados em conta corrente (Tabelas 1 e 2).¹³

4.4 Coreia do Sul

¹² EIU (2012b, p. 6).

¹³ Ver IMF (2012a, 2012b) e ADB (2012a, 2012b).

A Coreia do Sul destacou-se no contexto asiático e internacional como sendo uma das economias mais dinâmicas em termos de crescimento e inserção internacional. Atualmente, é a quarta maior economia da região em termos de renda total – seu PIB medido em paridade poder de compra só é superado pelo do Japão, Índia e China – e apresenta níveis de renda *per capita* convergentes com os observados no Japão e mais de três vezes superiores aos da China (Gráfico A2, em anexo). Todavia, suas taxas médias de crescimento vêm se reduzindo ao longo das últimas décadas (Tabela 1).

Com elevado grau de internacionalização de sua economia e principais grupos econômicos – os *chaebols*–, o país se vê diante do desafio de buscar a liderança tecnológica em setores já tradicionais, como nos complexos metal-mecânico e eletrônico, e avançar em novas fronteiras tecnológicas. Por conta disso, tornou-se uma das economias que mais investem em pesquisa e desenvolvimento (P&D), com dispêndios de 3,11% do seu PIB, entre 2006-2008. No mesmo período, as economias de alta renda da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) tiveram, em média, gastos em P&D de 2,47% do PIB.¹⁴ Tal premência se deve aos seguintes fatores: (i) sua capacidade de concorrer em termos de custo de mão de obra é inferior ao observado em seus vizinhos menos desenvolvidos; (ii) suas empresas ainda não logram consolidar uma liderança tecnológica que permita incorporar preços diferenciados (e superiores) aos produtos produzidos pelos principais concorrentes.

A crise financeira global fez com que o seu PIB experimentasse um crescimento de apenas 2,3%, em 2008, e de 0,3%, em 2009, ante os ainda vigorosos 4,7% de expansão média entre 2001 e 2007. Os estímulos fiscais e creditícios pós-2008 e a rápida recuperação da China, seu principal parceiro comercial, criaram condições para que sua economia apresentasse uma recuperação robusta em 2010, com variação do PIB de 6,3%.

Todavia, a lenta recuperação das economias avançadas, o menor crescimento dos vizinhos, particularmente a China, e a moderação nos incentivos governamentais induziram a um menor dinamismo em 2011 e 2012 (Tabela 1). Espera-se, para 2012, um crescimento

¹⁴Ver: World Development Indicators On Line, World Bank (<http://data.worldbank.org>).

modesto de 2,6% a 2,7%, com uma subsequente aceleração. Para 2013, projeta-se um crescimento entre 3,6% e 3,7% (IMF, 2012a, 2012b; EIC, 2012c). Tal perspectiva se fundamenta nos efeitos positivos esperados dos incentivos fiscais adotados em 2012 sobre o consumo, bem como no incremento de exportações, dada a perspectiva da economia mundial, em geral, e de seus principais parceiros, em particular, apresentarem níveis um pouco mais elevados de expansão.

Para o horizonte 2013-2017, o cenário básico de crescimento entre 3,8% e 4% ao ano. Os principais riscos de perda de dinamismo derivam do ainda frágil e potencialmente instável ambiente externo, em que a Zona do Euro mostra-se vulnerável, e os Estados Unidos se recuperam de forma lenta. Por ser muito aberta, comercial e financeiramente, a economia sul-coreana está bastante exposta às reversões súbitas dos fluxos de capitais e às contrações no comércio de bens e serviços (IMF, 2012a, 2012b; EIC, 2012c).

Ainda em uma perspectiva de médio prazo (2013-2017), os fundamentos macroeconômicos mostram-se robustos, criando margem de manobra para a eventual adoção de políticas contracíclicas. A inflação tende a se situar entre 2% e 3% em 2013 e nos próximos anos. O desemprego está estabilizado ao redor de 3%. Há perspectivas para a manutenção de superávits tanto nas contas públicas, quanto em conta corrente, ambos na faixa de 2% a 3% do PIB. A relação dívida pública como proporção do PIB, que cresceu em 5 pontos percentuais entre 2008 e 2011, encontra-se em trajetória de queda. Dentro dos pressupostos de expansão da renda e inflação sob controle, esse indicador deverá retornar a um patamar abaixo de 30% do PIB até 2014.

4.5 ASEAN

As maiores economias da Asean – Malásia, Tailândia, Indonésia, Filipinas e Vietnã – experimentaram alguma moderação no crescimento entre 2011 e 2012. A deterioração no cenário externo com impactos negativos sobre as exportações é o denominador em comum nesse comportamento. Por outro lado, a Tailândia, cujo PIB cresceu apenas 0,1% em 2011, em

grande medida em função dos impactos das inundações de outubro, tem-se beneficiado dos esforços governamentais para a reconstrução das áreas atingidas. Espera-se que seu PIB cresça entre 5,6% e 6% em 2012 e 2013, respectivamente. Investimentos públicos também estão contribuindo para a manutenção das taxas correntes e perspectivas de variação da renda em linha com o produto potencial.¹⁵ Para o período 2013-2015, espera-se que todas as economias da região cresçam acima da média mundial, com taxas entre 4,7% e 6,8% (Tabela 1). Os fundamentos fiscais e financeiros na região são suficientemente robustos (Tabelas 2 e A1, em anexo) para garantir que as políticas econômicas sejam acomodáticas. Todavia, um eventual agravamento da crise na Zona do Euro pode implicar reversões súbitas nos fluxos de capitais, com efeitos adversos sobre o ambiente macroeconômico e, assim, sobre as perspectivas de crescimento.

Referências

ADB (2012a). **Asian Economic Integration Monitor**, July. Manila: Asian Development Bank.

ADB (2012b). **Asian Development Outlook 2012 – Update**, September. Manila: Asian Development Bank.

BIS (2012). **82nd Annual Report**. Basle: Bank for International Settlements.

CASEY, J.; KOLESKI, K. (2012). **Backgrounder: China's 12th Five-Year Plan**. U.S.-China Economic & Security Review Commission, June 24.

EIU (2012a). **China - Country Report**, October 2012. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012b). **Japan - Country Report**, October 2012. London: Economist Intelligence Unit.

EIU (2012c). **South Korea - Country Report**, October 2012. London: Economist Intelligence Unit.

¹⁵IMF (2012b).

EIU (2012d). **India - Country Report**, October 2012. London: Economist Intelligence Unit.

IMF (2012a). **World Economic Outlook**, October. Washington, DC: International Monetary Fund.

IMF (2012b). **Asia and Pacific Regional Economic Outlook**, October 2012 Update. Washington, DC: International Monetary Fund.

MORRISON, W. M.; LABONTE, M. (2011). **China's Holdings of U.S. Securities**: Implications for the U.S. Economy. September 26, Congressional Research Service.

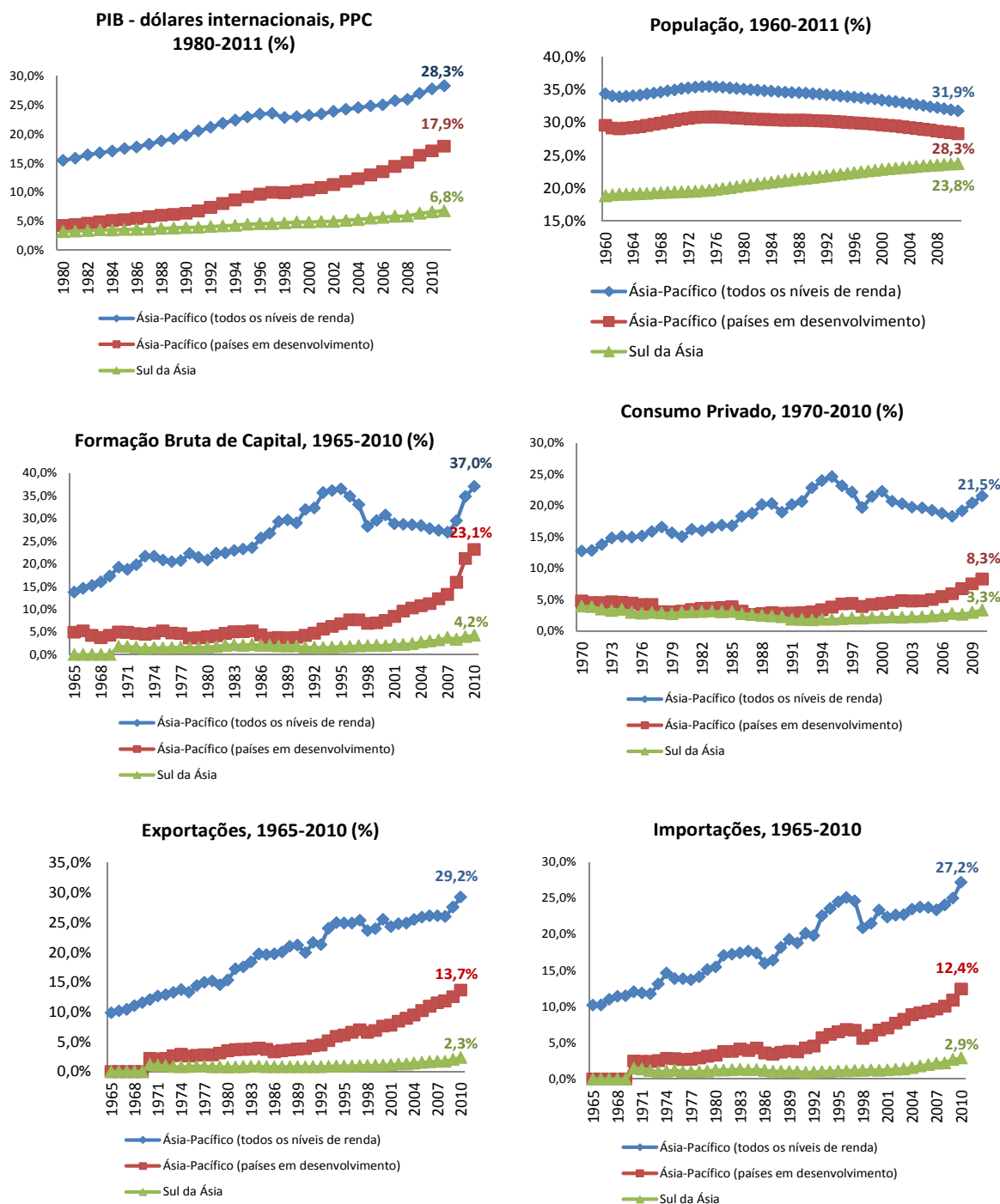
TIMMER, H. *et al.* (2012). **Global Development Horizons 2011**. Multipolarity: The New Global Economy. Washington, DC: The World Bank.

UNCTAD (2012). **Trade and Development Report 2012**. Geneva: UNCTAD.

World Bank (2012). **Global Economic Prospects**, June. Washington, DC: The World Bank.

Anexos

Gráfico A1 – Participação dos Países Asiáticos em Indicadores Seleccionados (% no total mundial)



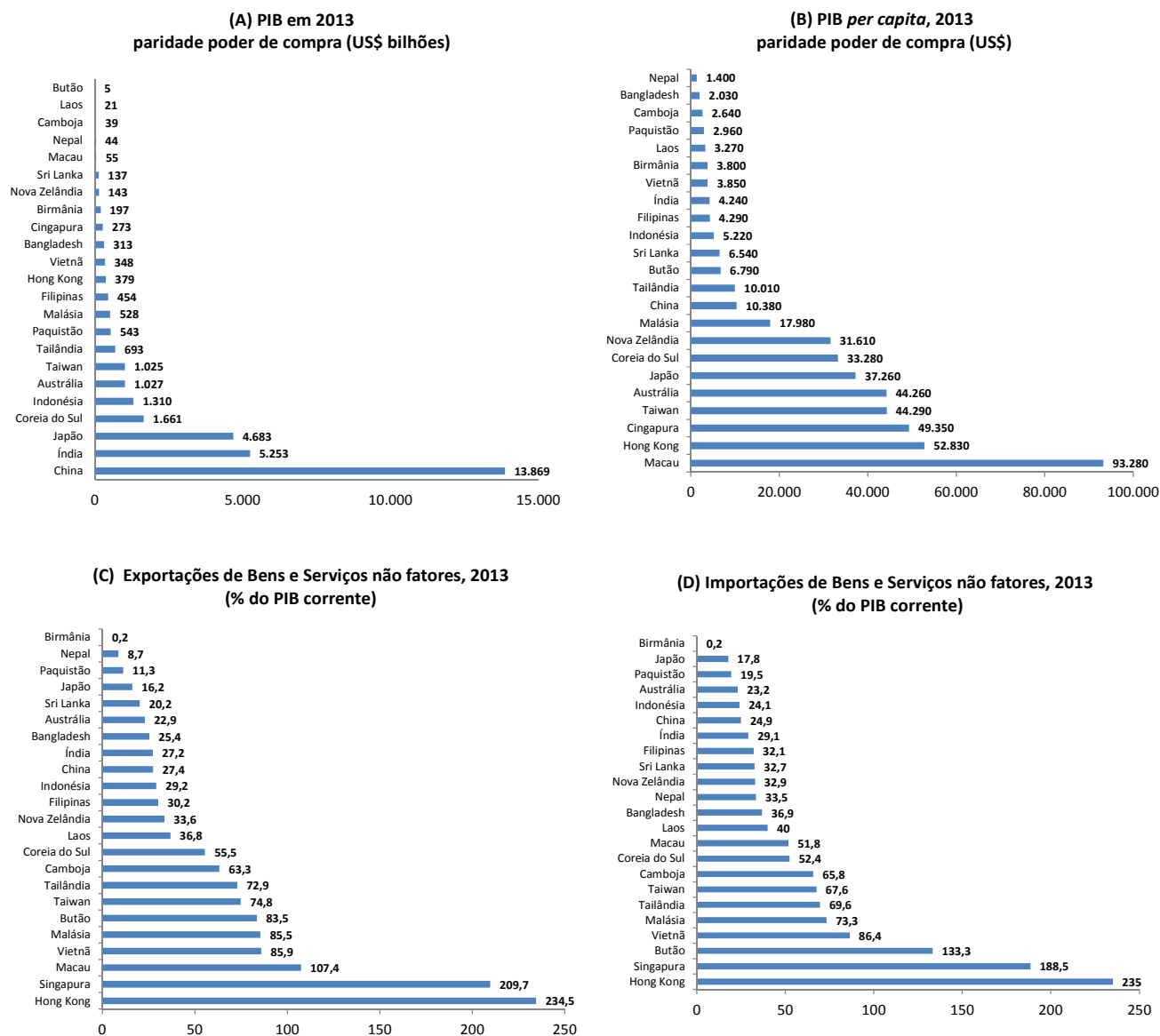
Fonte: World Development Indicators – World Bank (<http://data.worldbank.org/indicator/all>, acesso em 23/10/2012)

Tabela A1 – Projeções para 2013 de Variáveis Macroeconômicas Seleccionadas

	PIB (%)	Crescimento da Demanda Doméstica (%)	Taxa de Desemprego (%)	Resultado fiscal do governo central (% do PIB)	Resultado primário do governo geral (%)	Inflação (% a.a.)
Ásia em Desenvolvimento						
Bangladesh	6,1	6,5	5,0	-5,4	n.d.	8,4
Butão	8,5	10,1	n.d.	-3,3	n.d.	7,5
Brunei	1,8	4,1	n.d.	18,3	n.d.	1,6
Camboja	6,4	6,5	n.d.	-4,9	n.d.	5,4
China	8,6	9,1	6,6	-2,3	-1,6	5,0
Índia	6,5	5,6	9,9	-5,4	-3,0	8,2
Laos	7,4	5,8	n.d.	-1,9	n.d.	7,1
Macau	13,5	14,6	n.d.	24,9	n.d.	5,7
Mongólia	18,1	21,3	n.d.	-1,7	n.d.	14,1
Birmânia	5,3	5,3	5,2	-4,3	n.d.	7,5
Nepal	3,4	4,9	n.d.	n.d.	n.d.	7,2
Paquistão	3,3	3,9	5,1	-5,7	-1,0	9,1
Sri Lanka	6,8	7,2	5,0	-6,9	n.d.	5,7
ASEAN-5						
Indonésia	6,3	6,4	6,3	-1,7	-0,8	5,7
Malásia	4,6	6,6	2,9	-4,7	-2,9	2,4
Filipinas	6,0	5,3	6,7	-2,4	0,2	4,3
Tailândia	4,7	4,2	1,0	-2,4	-0,2	3,5
Vietnã	6,0	6,5	4,2	-4,1	-2,4	6,2
NICs e Avançados						
Hong Kong	2,4	2,9	3,9	1,1	n.d.	4,3
Japão	1,2	1,2	4,1	-8,3	-7,1	-0,2
Coreia do Sul	3,7	3,3	3,3	2,7	1,8	2,8
Cingapura	4,0	2,8	2,0	0,8	n.d.	3,5
Taiwan	2,5	1,9	4,5	-2,8	-1,9	2,0

Fonte: Economist Intelligence Unit, em 23/10/2012. Observação: n.d. = dado não disponível na fonte.

Gráfico A2 - Renda e Setor Externo em Economias Seleccionadas, 2013*



Fonte: Economist Intelligence Unit, em 23/10/2012. Projeções da fonte para o ano de 2013.